

Prédica sôbre João 13,1-15

L. Weingaertner

Entendeis o que vos tenho feito?

A pergunta de Jesus não obtém resposta imediata. Os doze ainda se encontram perplexos, sem saber o que pensar daquilo que acabam de experimentar: O mestre lhes lavara os pés. Curvara-se perante êles — fizera-lhes aquêlê serviço humilde que pela lei de Israel nem um escravo — posto que era judeu — podia ser forçado a fazer. Jesus tocara-lhes os pés poeirentos com as mãos — enxugara-os com uma toalha. Êle, ao qual chamavam de mestre e Senhor, se humilhara perante êles. Os discípulos se acham confusos e contrariados. O protesto de Pedro, que, ao chegar a sua vez, não quis aceitar o serviço do mestre, deve ter expressado o que todos os discípulos pensavam: O que Jesus faz, é inverter a ordem natural das cousas. Como pode êle manter a sua autoridade, se rebaixar-se dêste modo perante os seus seguidores?

Entendeis o que vos tenho feito?

Esta pergunta ultrapassou o círculo dos doze. Ela ecoou através da história da igreja e do mundo; pergunta incômoda e inquietante, ela alcança a nós, que estamos reunidos neste recinto. Porque sentimos que não nos podemos compreender como expectadores instalados confortavelmente em bancos de platéia, que simplesmente observam o que se realiza no palco, com aquêles discípulos tão afastados e diferentes. O que Jesus faz aqui a um pequeno grupo de homens, isso êle fêz e continua fazendo a todos os cristãos. Também a nós êle quer lavar os pés. Êste Pedro, que se nega a estender os pés para dentro da bacia — êste Pedro sou eu — êste Pedro és tu. Porque Pedro representa o velho Adão, que em seu íntimo nada mais teme do que o Cristo que se humilha — o Cristo a caminho da cruz. Porque perante êste Cristo rui por terra todo o seu vão orgulho. Perante o Cristo curvado, feito servo dos homens, se desfaz êste mito, que Pedro criara de si próprio — através do qual êle procura afirmar-se em si mesmo, em sua personalidade, em suas capacidades e qualidades. Perante o Cristo curvado, a lavar-lhe os pés sujos, a porta daquele reservado mais íntimo do seu ser é escancarada, e Pedro repentinamente fica consciente de sua verdadeira situação: Se êle não é lavado por Cristo, êle não tem parte nele. — Seja Pedro, sejas tu, seja eu: esta é a nossa situação perante Cristo.

Entendeis o que vos tenho feito? Causa estranha: O gesto de Jesus de início é mudo. Êle lava os pés dos discípulos como um criado qualquer — sem dizer palavra. Só depois, pela discussão com

Pedro e através da explicação que dá, ao finalizar o estranho ato, Jesus faz entrever o significado de sua atitude. E mesmo assim diz a Pedro que só mais tarde compreenderá realmente o que lhe fôra feito. Quererá isso dizer que na comunidade de Jesus acontecem cousas decisivas que o cristão não compreende já, mas que só no decorrer do tempo poderá entender em tôda a sua plenitude? É evidente que a bíblia assim pensa. Os quatro evangelistas diferem quanto a detalhes na descrição da paixão e da morte de Jesus. Mas são unânimes quanto a uma cousa: Os discípulos acompanham os acontecimentos que levam à crucificação de Jesus sem compreender o significado daquilo que se está passando. Mais tarde, citando o Antigo Testamento, os cristãos diriam que o Cristo foi morto que nem uma ovelha muda que era levada ao matadouro. Só depois dos acontecimentos de Gólgota o Ressurreto abriria o entendimento dos discípulos. Quer dizer que Deus em Cristo faz anteceder sua ação salvadora à nossa compreensão. Por intermédio de sua ação Deus cria uma situação nova, com a qual o homem é confrontado; quase como uma criança surpreendida e admirada por um ato inesperado do pai — êle descobre que já tem sido beneficiado por essa ação divina — que já é rico, já é benquisto, é puro, é um filho amado de Deus, enquanto momentos antes a descrença apenas o fizera ver o dia a dia cinzento de um destino cego e indiferente. Não é assim — como freqüentemente pensamos — que só depois de explicarmos e compreendermos um assunto, êste se torne importante em nossa vida. A paz de Deus — e tôda a obra de Deus — ultrapassa o nosso entendimento. A ação salvadora de Deus em Cristo — a paixão e a morte do Senhor — são fatos que se enquadram nas palavras que Jesus dirigiu a Pedro: O que eu faço, não o compreendes já, mas compreendê-lo-ás depois.

Entendeis o que vos tenho feito? Talvez estejais a pensar agora: O pregador começou a discorrer sôbre a história do lava-pés e logo passou a falar da paixão e da morte de Cristo. O que tem uma cousa com a outra? O evangelho de João não deixa dúvidas a respeito de que realmente não se pode proceder de outra maneira. No primeiro versículo do cap. 13 diz: Sabendo Jesus que era chegada a hora de passar dêste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. É o amor de Cristo que torna transparente tanto o seu ato de humildade — de lavar os pés dos discípulos — como também o seu morrer na solidão da cruz. Quando, ao morrer, Cristo exclama: "Está consumado" estas suas últimas palavras são o Amém de uma vida que teve uma só finalidade: A de revelar o amor de Deus para com os homens. Amor que não provém de uma disposição momentânea — de um capricho passageiro — mas que é eterno como o próprio Deus e sério como a própria morte. Amor que não se orienta pelas atitudes dos homens, que não se extingue com a ingratidão daqueles, aos quais é destinado. Amor que se alimenta de fontes eternas. — Não há palavra que melhor expresse êste amor divino do que a que encontramos em João 3,16: Tanto amou Deus ao mundo que deu o seu filho unigênito para que todo aquêle que nele

crê não pereça, mas tenha a vida eterna. O amor de Deus não é um sentimento indefinido e incerto. Como todo amor autêntico êle quer alguma cousa. Quer que o homem seja livrado das amarras que o escravizam e que o prendem a sua vida antiga, quer torná-lo capaz de viver em comunhão com o seu Pai e Criador. Quer que o homem seja salvo. “Se eu te não lavar, tu não tens parte comigo”.

Terá Pedro compreendido a profundidade e amplitude do amor de Cristo, quando, como que assustado, pede que o Mestre não lhe lave apenas os pés, mas também as mãos e a cabeça? É provável que se tenha assustado da possibilidade de vir a perder a comunhão com seu Senhor — que tenha pensado num ato de purificação total, que para sempre lhe assegurasse a união com Cristo. Também aqui Jesus precisa corrigir-lhe o pensamento. Mostra-lhe que pela convivência com seu Senhor — através do batismo e através da palavra de perdão que ouvira, êle já está purificado. Que é preciso ter confiança nesta purificação, e que o lavar dos pés é apenas a confirmação de uma dádiva que a convivência com Cristo sempre lhe proporcionara — sem que êle talvez o tenha reconhecido e aceito em tôda a sua plenitude.

Como havia amado os seus, assim amou-os até o fim. — Vida e morte de Cristo foram coerentes. Os seus discípulos muitas vezes teriam motivos de duvidarem de si mesmos — de sua capacidade, de sua competência, mesmo de sua fé; mas nunca teriam motivos de pôr em dúvida um fato: que conviver com Cristo significa ser amado por êle.

Entendeis o que vos tenho feito? — Começamos a compreender que esta pergunta, dirigida a todos os que convivem com Cristo, não pede uma resposta de catecismo — que não se trata de resposta alguma que alguém possa formular e que outro possa usar “por ser correta”. A pergunta de Jesus de certo modo se assemelha àquela que o Ressurreto, conforme o último capítulo de João, dirige a Pedro, repetindo-a por três vezes: — Simão, Pedro, amas-me? — Compreender o amor de Jesus só é possível àquele que o ama, que responde com amor o amor que Cristo lhe tem. É esta é a finalidade de tudo quanto o Cristo anunciou e realizou: Com sua palavra criadora, com sua existência inteira, empenhada em Gólgota, êle veio despertar aquilo que ninguém de nós seria capaz de criar em si mesmo: Amor. Amor ao Deus de cuja presença o homem se havia esquivado. Resposta filial à palavra paterna que através do Cristo se fazia ouvir, clara e inequívoca. Isso e nada mais foi o sentido da vida e da morte de Cristo. E é isso que o Filho de Deus, que hoje está presente através de sua palavra e de seu Espírito, quer criar em ti e em mim.

Entendeis o que vos tenho feito? — A pergunta arde em nossos corações. Se é verdade que eu recebi de Jesus Cristo o que também os apóstolos receberam? Sentimos que não poderemos sair dêste recinto, pondo esta pergunta de lado, ou contentando-

nos com uma simples resposta formal. Entender o que Cristo fez a nós — é aceitá-lo com amor. A pergunta está a pairar neste recinto, grande e ardente: Tu, que te dizes meu discípulo: Amas-me? Respondes o meu amor com teu amor?

Se, como Pedro o faria mais tarde, pudermos responder com “sim” a tal pergunta — não só com nossa boca, mas com nossa existência toda — então estaremos preparados para compreender a segunda parte de nosso texto: — Se eu, Senhor e mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. — Sentimos que estas palavras não querem ser entendidas ao pé da letra. Jesus não quis instituir uma cerimônia — uma espécie de “sacramento do lava-pés”, como em diversas igrejas tem sido praticado (sabemos que até o presente o papa, na Quinta-feira-santa, costuma lavar os pés de um mendigo). O exemplo que Cristo nos deu, não poderá ser transformado em ato cerimonial. Lavar os pés dos irmãos poderá significar muitas coisas — que afinal resultam de uma só: Que saibamos agir em qualquer situação, movidos pelo amor de Cristo. Que a nossa relação com êle seja tão estreita, tão pessoal que a nossa atitude reflita a atitude de Cristo para com seus discípulos. Lavar os pés uns aos outros — isso significa que na vida diária, de manhã até à noite, um discípulo terá a função de ser o Cristo do outro. Significa que possamos encarar os homens com os olhos de Deus e não com os olhos do demônio. Significa que possas ver no teu colega de trabalho não o homenzinho miserável e mesquinho que tantas vezes aparenta ser, mas sim a criatura bem amada de Deus, pela qual Cristo morreu.

E não será o bastante que eu guarde as cédulas grandes do amor de Cristo em meu bolso, pronto para apresentá-las aos domingos e em outras ocasiões especialíssimas. Será necessário que as troque pelo dinheiro miúdo que preciso para gastar no meu dia a dia, porque nas situações corriqueiras, no convívio com minha família, no escritório, na escola, na fábrica, no café, na rua — é que preciso do capital de Cristo para gastar. Se não tiver nada a gastar além do que é meu, serei um homem falido. Com minha boa ou má disposição, com meus instintos e desejos naturais eu não vou longe no Reino de Deus. Preciso do capital de Cristo, preciso dele desesperadamente, porque só a consciência constante de que sou amado por Deus me capacita a amar o meu próximo — também o próximo não amável; só o saber de que fui e continuo sendo perdoado me capacita a perdoar. Só o consólo que recebi me torna apto para esta grande arte que tão poucos entendem — a de consolar os tristes e desanimados.

Lavai os pés uns aos outros... O velho homem não teria nenhuma objeção a fazer, se Cristo houvera dito: — Lavai a cabeça uns aos outros. Para lavar a cabeça de nosso semelhante não nos precisamos abaixar. Podemos conservar a nossa altivez e a nossa superioridade. Para lavar a cabeça de alguém, não precisamos de

amor. Aí basta uma boa dose de moralina. Para lavar os pés de um irmão, precisamos abaixar-nos e identificar-nos com sua miséria. Isto o velho Adão não quer fazer e isto êle também não consegue fazer. Êle precisa agarrar-se à sua justiça própria — para poder condenar a justiça alheia — justamente aquilo que Jesus não fez. Lavar os pés a um irmão: isso, antes de tudo, será falar-lhe com brandura; não a brandura daqueles que querem apenas “viver e deixar viver”, mas a brandura ardente do discípulo de Cristo. Será a brandura de um homem, cujas mãos criaram calos no serviço daquele, que é manso e humilde de coração; será a mansidão de uma criatura que experimentou o desespero da cruz do Senhor e que experimentou também o milagre inefável da comunhão com o Ressurreto; que se alimentou com o pão e o vinho do perdão na mesa do Senhor, que por Sua palavra foi regenerado para uma nova existência. Êste será capaz de falar com os cansados em tempo oportuno — só êste.

Lavai os pés uns aos outros, diz Jesus. Mas para cumprir êste mandamento é preciso que haja dois: um, disposto a lavar, e o outro disposto a permitir que os seus pés sejam lavados. E já que Jesus não diz: Lavai os pés dos outros, mas: Lavai os pés uns aos outros — é evidente que o Senhor espera de ti e de mim que não só saibamos praticar tal ato de amor fraternal, mas que saibamos também aceitá-lo. Há algo em nós todos que se revolta contra a idéia de aceitar um serviço fraternal, que por assim dizer nos deixa à mercê do irmão. Não queremos descobrir os nossos pés perante o irmão, nem qualquer outra parte encoberta e obscura de nossa vida que necessita de purificação e de correção. Preferimos fechar-nos em nós mesmos, roer as nossas próprias máguas, atormentar-nos com nossas dúvidas, silenciar da culpa que nos pesa na alma. E o irmão, que Cristo pôs ao nosso lado, está perto, talvez muito mais perto do que nós pensamos; está aí como nosso verdadeiro próximo. Por que nos esquivamos de nosso irmão — por que não aceitamos o seu auxílio fraternal, do qual necessitamos, tal qual um trabalhador sedento precisa de um copo de água num dia abrazado? Queremos morrer em nosso orgulho?

Entendeis o que vos tenho feito? Assim pergunta Jesus. Se de fato tivermos entendido o mestre, o seu mandamento de “lavar-mos os pés uns aos outros não será nenhum fardo que nos é colocado sôbre os ombros, mas será evangelho felicitante, será um pedaço do céu na terra. O próprio Cristo estará presente através da atitude fraternal de seus discípulos. É êle que estabelece a comunhão de seu Reino entre nós, vence a nossa frieza, nosso isolamento, nosso egoísmo estéril. Se a comunidade de Cristo deve uma coisa ao mundo, então é essa: a prática do amor e da comunhão entre os cristãos. A não ser que escondamos esta luz debaixo do alqueire, ela não poderá deixar de irradiar para dentro do mundo no qual vivemos e que, talvez sem que o saiba, esteja doente de saudade por uma comunhão que êle não é capaz de criar. Nós, que somos de Cristo, numa época em que os homens continuam

a se matar e trucidar, pouco podemos fazer para que o mundo mude. Mas o segredo deste pouco, que encerra a esperança do mundo agoniado, está no texto que nos foi dado hoje. Nós, que somos de Cristo, vamos ficar devendo ao mundo a mais preciosa dádiva que o Senhor nos deu?